

579 Rp  
*Grandes Portugueses*



Dom Gualdim Pais



574 R/P

INS  
3047



97 34904724

*Grandes Portugueses*

*Dom Gualdim Pais*

*Texto de  
Virgínia de Castro e Almeida*



594-Rp

INCORPORAÇÃO

94



COLECÇÃO «GRANDES PORTUGUESES»

- N.º 1 — D. Fuas Roupinho.  
N.º 2 — Fernão Lopes.  
N.º 3 — D. Gualdim Pais.  
N.º 4 — Gil Vicente.  
N.º 5 — Duarte Pacheco Pereira.  
N.º 6 — Luís de Camões.  
N.º 7 — Infante D. Henrique.  
N.º 8 — S. João de Brito.  
N.º 9 — D. Afonso Henriques.  
N.º 10 — Heróis da Tomada de Lisboa.  
N.º 11 — Afonso de Albuquerque.  
N.º 12 — Marquês de Pombal.  
N.º 13 — Santo António de Lisboa.  
N.º 14 — Santo Condestável.  
N.º 15 — S. João de Deus.  
N.º 16 — D. João de Castro.  
N.º 17 — D. Francisco de Almeida.

3

*Dom Gualdim Pais*



# *Grandes Portugueses*

DOM GUALDIM PAIS

*Primeiro Mestre Português dos Templários*

Quando hoje famílias ou grupos de gente portuguesa aproveitam as suas férias fazendo excursões através do País, talvez a bem poucas acuda a ideia do que essas terras eram há oitocentos anos, no alvorecer da nossa nacionalidade. Admiram os campos férteis povoados de pitorescas aldeias e casais, quintas e herdades bem amanhadas, os trabalhadores rurais que lavram e semeiam a terra e lhe colhem os frutos em paz, os caminhos de ferro e as boas estradas, as cidades e vilas com seus progressivos melhoramentos: canalizações, electricidade, boa administração e policiamento, escolas, hospitais, asilos, jardins públicos, fábricas, todas essas comodidades, seguranças e riquezas, cujo desenvolvimento extraordinário dos últimos anos têm tornado Portugal um modelo de bom governo que se impõe ao respeito do Mundo.

Visitando as nossas cidades, os portugueses vêem as suas ruas asseadas, as suas largas avenidas ladeadas de

árvores, enfeitadas de canteiros floridos, as suas casas alegres, os seus lindos jardins, as suas igrejas, e andam de um lado para o outro em automóveis ou em bons carros eléctricos, e viajam em compartimentos de comboios ao abrigo do tempo e gozam de ver as estações muito limpas e rodeadas de flores. Ou vão em camionetas por boas estradas. À sombra dos grandes monumentos da nossa história — que é a mais bela e maravilhosa história do Mundo —, desembrulham as suas merendas e com elas se regalam alegremente, ali onde tanto sangue correu e tão nobres feitos se praticaram.

Entre toda essa gente que percorre o País aos milhares, dormindo em bons hotéis ou pousadas, comendo em bons restaurantes ou casas de pasto, servindo-se de bons meios de transporte, viajando com toda a segurança, armando muitas vezes as suas tendas de campanha em charnecas e florestas onde dormem em paz, — entre toda essa gente feliz bem poucos se lembram do que era esta terra nos tempos do Conde Dom Henrique, de Dona Teresa, de Dom Afonso Henriques, de Dom Sancho I.

No entanto os portugueses de hoje deviam pensar nesse passado porque a gente é feita de tal modo que não é capaz de gozar completamente seja o que for, senão por meio de comparações. Uma pessoa pobre cuida que a sua felicidade está na riqueza; uma pessoa rica imagina que a felicidade está numa riqueza maior ou num sossego e descanso que não pode ter. A condição do homem, se o juízo lhe não tempera os desejos, é querer sempre aquilo que não tem e desdenhar do que possui, por muito bom que seja. Para este mal de que a humanidade sofre tanto nos nossos dias — e

que o materialismo tanto agrava, há um bom remédio: olhar para trás e para baixo em vez de olhar só para diante e para cima. Não digo que seja mau olhar para diante e para cima; mas só depois de olhar com atenção para trás e para baixo, depois de fazer a comparação do passado com o presente, de medir as distâncias percorridas, e de dar graças a Deus pelo *pão nosso de cada dia* que nos dá hoje.

Há oitocentos anos esta abençoada terra portuguesa onde habitamos em paz no meio da tormenta que vai destroçando o mundo inteiro, esta abençoada terra que um homem inspirado por Deus governa, encontrava-se ainda na posse dos Moiros a não ser algumas províncias do Norte que se chamavam havia pouco «Portugal». Mas o grande império, civilização e poder muçulmanos encontravam-se em decadência. Como todas as forças que sucessivamente dominam e se expandem como grandes flores de civilização e de poder, o Islamismo declinava rapidamente, desagregava-se. Passara o seu tempo; o seu sol estava no ocaso e outro sol principiava a iluminar o céu. Porque as civilizações são como os impérios, as nações e os homens; têm a sua curva de vida, sempre a mesma, do nascimento à morte.

Naqueles tempos os homens eram apaixonados e violentos nos seus desejos e ambições, e bravios nas suas guerras. Pelejava-se à arma branca: os reis, príncipes e fidalgos com suas espadas e lanças, o resto com o que podia, chuços, machados, maças cravejadas de pregos. Os que tinham cavalo iam montados, os que o não tinham iam a pé. As guerras eram correrias e chacinas, não de longe como hoje, mas de perto, corpo a

corpo, um contra dois, três ou quatro, como calhava, cada qual fiado só na força e na habilidade do seu braço e na ajuda de Deus. Não havia disciplina, nem planos de guerra sãbiamente estudados. Era ir para a frente, sem medo, atrás dos bravos capitães que davam o exemplo, e combater o melhor que se podia e matar para não ser morto.

Os Moiros tinham os seus modos de guerrear, os cristãos tinham os seus; mas pouca diferença havia. Uns e outros, por onde passavam, roubavam, pilhavam, matavam gentes e gados, incendiavam casas, culturas, árvores, tudo que pudesse arder; e atrás de si deixavam a ruína, a devastação e o deserto.

Cultivavam os cristãos a terra para seu alimento, conforme podiam, onde a fortuna variável da guerra lho permitia. Os portugueses de então eram semelhantes aos beduínos nómadas que hoje vivem em certas regiões do Norte de África. Não tinham moradia certa nem terra certa donde tirassem mantimento. Quando os guerreiros cristãos arrancavam aos Moiros mais um pedaço de terra, ali se apascentava o gado, ali se semeava o pão. Mas a sorte das guerras contínuas era incerta; o que hoje pertencia a cristãos, passava amanhã de novo para mãos de Moiros. Quantas vezes pastores guardando os seus rebanhos eram surpreendidos por uma correria de Infiéis que os matavam e lhes trucidavam os rebanhos? Quantas vezes uma seara que principiava a amadurecer era ceifada pelo temporal da guerra? Onde se estendia um campo de pão já loiro à luz do sol, onde umas cabanas se abrigavam escondidas no fundo de um vale, passava de repente a ventania brava de uma surpresa moira e só ficavam cinzas.

Assim os territórios que à força de tanto sangue os Portugueses iam conquistando aos Moiros eram na sua maior parte vastíssimas extensões desoladas e desertas, charnecas incultas, despovoadas, terra que nem charrua nem enxada rasgavam e onde não nascia um só pé de trigo, nem se via uma cepa de vinha, nem um tanchão de oliveira. Pedregulhos, mato bravo, terra morta, pântanos. Em lugar de gado manso havia ali apenas lobos famintos e outras feras, e abutres e corvos à procura do alimento que amiúde encontravam nos campos de batalha abandonados onde o solo ficava coberto de cadáveres insepultos; ou em algumas aglomerações de choupanas miseráveis onde a fome e as pestes tinham passado. Porque destes campos e destes pântanos onde corpos de homens e bestas apodreciam, levantavam-se doenças atrozes que envenenavam o ar e a água e matavam tudo que escapara ao alfanje dos Moiros; e as searas incendiadas e os gados mortos deixavam a miserável população entregue ao terrível e frequente flagelo da fome.

Isto era há oitocentos anos a pátria portuguesa em formação. Charnecas bravias assoladas pela guerra sem tréguas, pela fome, pela peste, pelas feras e pelos abutres, abandonadas à sua ruína e infinita desolação.

Quando as crianças de hoje aprendem a história da sua terra, vêem na imaginação os primeiros reis portugueses marchando de vitória em vitória à frente das suas hostes de gloriosos e esplêndidos guerreiros, conquistando aos Infiéis cidades e castelos e campos de cultura e trazendo, a cada triunfo, mananciais de riquezas. Mas a realidade era outra.

Era preciso conquistar a terra, terra que as guerras incertas e ferozes deixavam devastada e nua. Era preciso guardá-la, defendê-la, cultivá-la, povoá-la. Os Portugueses em volta do seu rei não eram mais do que uma mão cheia de homens resolutos. Bons, valentes, rijos de corpo e alma como aço; mas poucos. Os Moiros, ainda que amolecidos e enfraquecidos pelas doçuras da sua civilização, eram multidões.

Os Portugueses, para levarem a bom fim a sua empresa, precisavam de auxílio. Encontraram-no às vezes nos Cruzados de vários países cristãos que passavam com frequência no Tejo a bordo das suas naus a caminho da Terra Santa. E, como o seu fim era combater os Infiéis e como a nossa guerra era contra os Infiéis, assim acontecia que, de passagem nos ajudavam, como sucedeu na conquista de Lisboa e de Silves.

Porém o melhor e mais constante auxílio que os Portugueses tiveram na sua tão áspera tarefa, foi o das Ordens militares religiosas.

Não sabemos ao certo quando estas Ordens militares foram introduzidas em Portugal. Em todo o caso podemos dizer com toda a segurança que a elas devem os cristãos das Espanhas a reconquista da península aos Muçulmanos. Alexandre Herculano diz-nos que estes frades-soldados que, se não tinham a disciplina militar, tinham a disciplina religiosa e o hábito de obedecer, levavam por isso grande vantagem aos outros guerreiros do seu tempo. Para a defesa dos castelos, vilas e territórios que lhes eram confiados, nenhuma outra guarnição poderia igualá-los; porque os castelos e praças fortes que eles defendiam, eram os baluartes dos mosteiros onde os frades-soldados viviam sob o

comando e a rígida disciplina das suas Ordens, obedecendo incondicionalmente a um chefe venerado por todos, o Mestre; e todos consideravam o mosteiro como a sua casa, pois não tinham outro lar nem outra família, e ali viviam e morriam gostosamente presos pelos votos religiosos feitos de livre vontade.

As Ordens militares que ajudaram os primeiros reis de Portugal nas suas rudes lutas foram quatro: a Ordem dos Templários ou Cavaleiros do Templo; a Ordem dos Hospitalários ou Cavaleiros do Hospital ou de Malta; a Ordem de Calatrava; a Ordem de Santiago da Espada.

As duas primeiras foram fundadas em Jerusalém no tempo das primeiras Cruzadas. A de Calatrava foi fundada em Espanha a fim de defender a cidade de Calatrava contra as investidas dos Moiros. A de Santiago foi fundada também em Espanha para proteger os peregrinos que acudiam àquela cidade santa.

Em 1128 Dona Teresa, mãe de Dom Afonso Henriques, deu aos Templários o castelo de Soure e os descampados que se estendiam entre Leiria e Coimbra. Esta grande extensão era então completamente inculta, bravia e deserta. Aí os Templários construíram os castelos de Pombal, Ega e Redinha. Apenas as Ordens militares levantavam aquelas fortalezas, logo à sua sombra vinham construir-se pequenas habitações de gente do campo: começavam as terras a ser aproveitadas; vinham artífices e mercadores, fundava-se uma pequena aldeia que quase sempre crescia e vinha depois a ser uma vila, pelo andar dos tempos.

Na segunda metade do século XII um português subiu pela primeira vez à grande dignidade de Mestre

da Ordem dos Templários em Portugal. Desde a adolescência acostumado ao uso das armas, fora companheiro de Dom Afonso Henriques, dos melhores, dos mais valentes, dos mais leais. Depois como Cruzado embarcou para a Terra Santa onde as suas façanhas de guerra, o seu heroísmo e as suas profundas virtudes cristãs lhe criaram uma fama que se estendeu pela cristandade de então. Contava como amigos os mais nobres e poderosos fidalgos, seus companheiros de armas nas lutas travadas na Terra Santa. O nome de Dom Gualdim Pais era o terror dos Infiéis. Não só era este cavaleiro dotado de invulgar coragem como de fria ponderação perante os maiores perigos; e concedera-lhe Deus aquele dom tão precioso e tão raro que reveste certos homens de incontestável autoridade e força de mandar.

Nascera em Braga. Desde criança o seu juízo, a sua bravura, a sua humildade e a sua caridade, faziam o assombro de todos que o rodeavam. Estava marcado para o serviço de Deus; mal tinha ainda força de erguer uma espada, e já se exercitava no manejo das armas e na equitação; e passava horas em oração, consagrando desde esses tempos da adolescência, a vida toda ao combate sem tréguas aos inimigos da sua fé. Durante a sua estada em Jerusalém entrou na Ordem dos Cavaleiros do Templo. A austeridade da sua vida e os seus altíssimos merecimentos como chefe, levaram-no a Mestre da Ordem em Portugal.

Difícilmente nos nossos dias podemos imaginar a vida simples e frugal daqueles monges-guerreiros só repartida entre a devoção e as batalhas. Alexandre Herculano descreve-nos assim a acção dos Templários na-

quelas guerras tumultuosas entre as forças compactas e heróicas dos cristãos sempre inferiores em número, e as multidões irrequietas e ruidosas dos Sarracenos:

«Os esquadrões do Templo ao formarem-se para a batalha guardavam profundo silêncio, que só era cortado pelo ciciar do balsão bicolor (negro e branco) que os guiava, despregado ao vento, e dos longos e alvos mantos dos cavaleiros que se agitavam. À voz do Mestre, uma trombeta dava o sinal do combate e os freires, erguendo os olhos ao céu, entoavam o hino de David:

« — Não a nós, Senhor, não a nós! Mas dá glória ao teu nome! »

«Então, abaixando as lanças e esporeando os ginetes, arrojavam-se ao inimigo, como a tempestade, envoltos em turbilhões de pó. Primeiros no ferir, eram os últimos em retirar-se quando assim lho ordenavam. Desprezando os combates singulares, preferiam acometer as colunas cerradas, e para eles não havia recuar: ou as dispersavam ou morriam. A morte era de facto mais bela para o Templário que a vida comprada com a cobardia. Bastava que não atingisse o tipo de valor humano, como os velhos guerreiros da Ordem o concebiam, para ser punido por fraco» (1).

Estava pois terminada a construção do Castelo de Tomar, sob a direcção de Gualdim Pais. Sobre um erro agreste e nu, de onde se avistavam léguas em redor, sentinela atenta, sempre acordada, tremenda for-

---

(1) Alexandre Herculano — *História de Portugal*, vol. IV, pág. 87.

taleza que ainda hoje lá está no mesmo lugar, mas a cuja sombra vive agora uma das mais lindas e alegres cidades de Portugal, Tomar, que nasceu e foi crescendo e prosperando sob a protecção daquelas formidáveis muralhas erguidas lá no alto, austeras, sombrias, mais parecendo um gigantesco rochedo ali colocado pela mão de Deus, do que um monumento edificado pelos homens.

Assim, à medida que à força de persistente coragem, de combates constantemente renovados, os Portugueses iam labutando na conquista da terra, ensopando-a em sangue, comprando-a com a própria vida, sem um desânimo perante os reveses, sem uma hesitação perante a desproporção das forças, a pátria portuguesa a pouco e pouco nascia e rudemente ia crescendo, enterrando no solo, devagar, as raízes fundas e rijas que a passagem de oito séculos não conseguiu abalar.

Do norte para o sul os Portugueses iam ganhando terreno, iam rechaçando os Infiéis. Até Santarém, até Lisboa. Gradualmente, do Tejo para cima a ameaça negra diminuía, a segurança aumentava. Já aglomerações de casas se construíam e se consolidavam à sombra dos castelos; já a cultura dos campos se alargava e permanecia nessas regiões. Muitos dos Cruzados de passagem, animados pelas vantagens que os nossos reis lhes ofereciam e tentados pelo clima, iam ficando nas terras reconquistadas aos Moiros. Já no tempo de Dom Afonso Henriques várias colónias estrangeiras vieram povoar a Estremadura. Muitas regiões da Beira foram dadas às Ordens militares com obrigação de as proteger e povoar. Mas para o sul era ainda a incerteza, o perigo a cada hora renovado, a devastação. Em

postos avançados naquelas desolações, erguiam-se, sentinelas isoladas, atentas e heróicas, os castelos das Ordens militares. Guardas vigilantes de incertas fronteiras, punhados de cavaleiros cristãos firmados na sua fé ardente, defendiam uma pátria em formação.

Fronteiros de Portugal, homens de sobre-humana bravura e de virtudes austeras, humildes no seu heroísmo, nomes ignorados ou esquecidos, para eles se deve voltar o pensamento e a grata admiração dos portugueses de hoje.

Gualdim Pais aparece-nos com a personificação desses heróis obscuros. Ao evocarmos a sua figura imaginamos os homens que à sua voz e sob a sua autoridade oravam e combatiam.

A Ordem militar mais poderosa em Portugal era a dos Cavaleiros do Templo; o castelo mais forte, mais inexpugnável, era o de Tomar. À testa dos Templários e comandando o castelo, vemos Gualdim Pais em quem se concentravam a bravura heróica daqueles guerreiros de Deus e todas as suas altas virtudes cristãs. Já era enorme no tempo deste Mestre a extensão de terras doadas aos Templários pelos reis portugueses. São suas as regiões em volta de Tomar, e as que vão de Leiria a Coimbra. Alargam-se os seus bens para o Alentejo. São suas as terras de Idanha-a-Velha, de Monsanto, de Açafa.

Quem olhar hoje para o mapa de Portugal e medir os territórios de que os Templários eram então senhores, admira-se da grandeza das suas possessões e cuida que deviam ser enormes as suas riquezas. Mas esses territórios quando lhes foram doados, não eram mais do que charnecas abandonadas e bravias onde só havia

ruína e devastação. Eram desertos só animados de tempos a tempos pela furiosa passagem das batalhas.

Já eram grisalhas as barbas de Dom Gualdim Pais quando Dom Sancho I subiu ao trono. Não era fácil a tarefa que se impunha ao filho de Dom Afonso Henriques. Portugal consolidava-se no Norte; mas as guarnições de cidades e vilas fortificadas e de castelos tomados aos Moiros nas vastidões do Sul, não gozavam de segurança, e as terras conquistadas com tamanho esforço conservavam-se desertas e desamparadas. Os lavradores portugueses de hoje que se queixam da chuva e do sol e do vento e dos impostos e das leis, deviam comparar as suas contrariedades com os perigos e desgraças que naqueles tempos antigos os seus antepassados tinham de enfrentar; e lembrarem-se que da coragem, resignação, e persistência desses humildes nasceu esta terra bendita onde cada um hoje trabalha em paz e segurança.

Tinham os Portugueses já conquistado muitas terras no Alentejo e, indo mais longe ainda, tinham penetrado no Algarve. Com o auxílio de Cruzados de passagem tomaram Silves, cidade poderosamente fortificada e defendida. Os Moiros, espantados e assustados com a rapidez e a força dos seus inimigos sempre inferiores em número, renderam-se com pouca resistência em Albufeira, Lagos, Portimão, Messines, Monchique, Paderne e outras localidades, ficando estas vilas e castelos em poder do rei de Portugal. Mas Dom Sancho não se demorou nestas terras conquistadas. Tratou de fazer as reparações precisas para a defesa das vilas e fortalezas, guarneceu-as o melhor que pôde e marchou a caminho de Beja. Bem sabia ele que as conquistas

no Algarve não estavam seguras. Silves e Évora, já na posse dos Portugueses, eram no entanto como duas ilhas sem defesas próximas, desamparadas no meio de um deserto. Era preciso tomar Beja, ir varrendo o inimigo dos pontos fortes que ainda ocupava naquêles descampados.

Enquanto Dom Sancho infligia assim derrotas e perdas graves aos Moiros, Afonso VIII de Castela, por seu lado, invadia territórios ocupados pelos Infiéis em Espanha e infligia-lhes grandes danos.

O imperador de Marrocos Yacub Al-manssor, indignado com os reveses que os seus estavam sofrendo na península, resolveu vingar-se dos cristãos por meio de uma guerra que marcasse bem o seu poder e abatesse de vez o orgulho dos seus inimigos. Encarregou seu irmão Yussuf, que era então Wali de Córdova e chefe principal dos Muçulmanos na península, de reunir as suas forças e de as preparar para a batalha; e ele próprio desembarcou em Tarifa com um poderosíssimo exército.

Todas estas coisas se faziam naquele tempo com relativa facilidade e com a grande vantagem da surpresa. Não era preciso instrução militar, todos os homens válidos eram guerreiros; bastava que fossem fortes e resolutos. Ao chamamento do rei ou do chefe, acudiam cheios de fervor, prontos a combater os cristãos e ardendo em cobiça pelas riquezas que lhes arrebatariam nas cidades, vilas e campos saqueados. E, como não havia meios de comunicação rápidos e as notícias, incertas, se espalhavam devagar, os exércitos invasores chegavam de surpresa contando com o descuido ou ignorância do inimigo que atacavam.

Yacub, tendo atravessado terras de Espanha onde espalhara quanto pudera a destruição e o terror, avançou sobre Silves com o seu formidável exército. No entanto, encontrando esta cidade muito bem defendida e não querendo perder tempo, seguiu seu caminho. Passando além de Évora, dirigiu-se sobre o Tejo que atravessou acima de Santarém. Atacou o castelo de Torres Novas que conseguiu tomar depois de dez dias de encarniçados combates. E avançou sobre Tomar.

Por onde passava o terrível exército moiro, só ficava a devastação e a ruína. As forças invasoras eram tão grandes e tamanha a rapidez do seu avanço que mais parecia uma flagelo de Deus e custava a crer que forças humanas lhe pudessem resistir.

Quando Dom Sancho teve notícia daquela calamidade, e descobrindo a direcção que tomava Yacub, cuidou que a cidade mais ameaçada seria Santarém, e aí reuniu as forças de que dispunha, mandando logo recado à sua gente do norte para que viessem ali reunir-se com elle. Esperava em Deus, enquanto estes reforços não chegassem, ir defendendo a cidade com as tropas que tinha. E tal era a sua certeza de que os Moiros atacariam Santarém, que chamou a si todos os seus guerreiros mais próximos, ficando assim desguarnecida toda a região entre Leiria e Coimbra.

Mas Yacub não atacou Santarém. Caminhou contra Tomar. Sabia o que valiam os Templários, sabia que aquele castelo era o mais forte de Portugal. Gualdim Pais e os seus terríveis frades-guerreiros, quebraria uma das armas mais poderosas de D. Sancho.

Mas durante seis dias e seis noites os Moiros encarniçados naquela luta, nada conseguiram. Arrasaram campos e casas em torno do castelo, mataram, roubaram, queimaram, mas toda a sua fúria se quebrava, inútil, contra a resistência tenaz, heróica, invencível de Dom Gualdim Pais e dos seus taciturnos cavaleiros.

Os Templários com seus mantos brancos açoitados pelo vento lá no alto das ameias, mais parecendo arcanjos do que homens, despenhavam a morte sobre os inimigos do seu Deus. De tempos a tempos faziam surtidas; abria-se de súbito a porta do castelo e os cavaleiros brancos precipitavam-se como uma torrente sobre a multidão dos Infiéis. Tão poucos! Mas as suas lanças e espadas refulgiam como labaredas; os Moiros caíam à sua passagem como se um tufão os tombasse; e Dom Gualdim e os seus cavaleiros, espalhando o terror e a morte, pareciam invulneráveis. Nenhum caía, nenhum manto branco se tingia de sangue.

Assombrados, alguns moiros afirmavam ter visto durante os combates, verdadeiros anjos descerem das nuvens e, com as suas vestes alvíssimas e suas espadas de fogo combater ao lado dos Templários.

Durante as surtidas, sempre à frente dos frades-guerreiros cavalgava Dom Gualdim Pais. Os Moiros diziam que o Mestre não era uma figura deste mundo. A sua estatura e a imponência do seu porte faziam-no parecer maior que o comum dos mortais. O tamanho, a beleza e o ensino do seu cavalo branco de neve também se afiguravam aos Moiros perfeições que não eram da terra. Alguns infiéis aterrados perante o

resplendor da figura do Mestre que julgavam sobrenatural, segredavam a medo entre si contando que em certas horas, sob o fulgor encandeante do sol ou à claridade misteriosa da lua, bem tinham visto duas grandes asas de imaculada alvura, abrirem-se e estenderem-se por detrás de Dom Gualdim Pais; e diziam também que os olhos do Mestre dos Templários brilhavam... não como olhos de mortais, mas como estrelas, e de tal modo que, só de os fitar um momento, muito moiros tinham caído mortos ou tinham perdido a vista.

A nossa história está cheia de milagres como este: um punhado de homens resistindo a ataques de multidões de inimigos; um punhado de homens atacando e vencendo exércitos muito superiores em número e em armas. Mas estas coisas não são milagres; apenas são provas da inflexibilidade das leis eternas que dominam o espírito como a matéria. Não só a nossa história, mas igualmente a história das outras nações, está cheia destas verdades que o orgulho ou a cegueira dos homens — ou talvez as próprias leis — os não deixam ver nem entender.

As vitórias necessárias nunca se apoiam sobre a superioridade das armas. Nas guerras decisivas ao anoitecer de um povo, ao alvorecer de outro, a vitória destes firma-se na fé: *a fé que transporta montanhas* e sem a qual os exércitos mais numerosos e mais fortemente armados, estão votados à derrota. Foi essa arma invisível e suprema que deu aos nossos primeiros reis e aos seus admiráveis companheiros o poder de conquistar aos Moiros tanto mais numerosos e fortes do que eles, a terra que é hoje a nossa pátria.

A essa arma devemos Aljubarrota e todas as milagrosas glórias da nossa epopeia. Só fomos vencidos, só caímos na amarga tristeza das derrotas materiais e morais quando a fé em Deus, no nosso destino e em nós mesmos, nos faltou.

Muitas vezes os Muçulmanos nossos inimigos poderosos, tanto aqui na nossa terra que palmo a palmo lhes conquistámos, como depois em África e no Oriente, não compreendendo a persistência das nossas vitórias tão inexplicáveis perante o seu poder infinitamente superior, atribuíram essa misteriosa supremacia a milagres e asseveraram ter visto manifestações sobrenaturais da protecção que o céu nos concedia. Exaltação mística? Explicação que lisonjeava o seu orgulho? Mas o segredo estava na lei eterna, invariável: os vencedores definitivos num dado ciclo da história humana, foram e serão sempre os que têm a fé ardente e absoluta na inexorável necessidade da grandeza do seu destino. Os povos que duvidam, e descrêem de si próprios e da santidade de seus fins, e tentam enganar os outros povos fingindo adorar o que deixaram até de respeitar, estão condenados. Folheando a história dos povos, a cada passo encontramos exemplos claros desta verdade na cadência alternada do marulho que ora afunda um povo no côncavo das suas ondas ora eleva outro à crista das vagas com o ritmo seguro de uma respiração.

Seis dias e seis noites, sem tréguas, sem descanso, Gualdim Pais e os seus cavaleiros defenderam o castelo de Tomar e ali detiveram os Moiros enfraquecendo o seu impulso e quebrando a sua certeza de vitória.

Os Moiros eram inúmeros e revezavam-se nos seus trabalhos da guerra; mas os Templários eram poucos e nenhum descansava. De pé, sem largarem a espada, comiam quando podiam. Um pedaço de pão, uns goles de água. Não dormiam. Não repousavam um instante. E a sua energia e o seu vigor eram os mesmos. A sua coragem e a sua força não esmoreciam. Era preciso vencer; sabiam que venceriam.

Entretanto Dom Sancho com os seus fidalgos e a sua gente de armas lá estava em Santarém à espera. Mas, vendo que Yacub seguia caminho de Coimbra desesperava-se pois aquela cidade não se encontrava suficientemente guarnecida e além disso, indo naquela direcção, o exército moiro cortava o caminho aos reforços do norte que o rei esperava com tanto empenho.

Foi então que chegou a Santarém a noticia de que uma nau de Cruzados ingleses entrara a barra do Tejo. Logo Dom Sancho lhes mandou pedir socorro contra os exércitos de Yacub. Mas os Moiros, depois daqueles seis dias de atraso e de graves perdas diante do castelo de Tomar, pareciam ter interrompido a sua marcha. Não chegavam noticias de avanços; pelo contrário os espias de Dom Sancho voltavam contando que os Moiros se retiravam e que Dom Gualdim Pais com os seus cavaleiros os perseguia com espantoso furor.

Isto era no mês de Junho e, sobre as terras desbastadas pela guerra, os mortos apodreciam ao sol e dos charcos envenenados pela decomposição de cadáveres de homens e bestas, erguia-se a peste que alastrava sobre os exércitos de Yacub.

Os Ingleses, todos fanfarrões, diziam que bastara a notícia da sua presença para afugentar os Moiros. Mas Dom Sancho bem sabia que as valentíssimas hostes de Yacub não tinham medo de quinhentos Cruzados que tinham vindo, Tejo acima, ter com ele a Santarém.

E nisto vieram emissários de Yacub com propostas de paz: diziam os Moiros que se Dom Sancho lhes restituísse Silves, eles largariam Torres Novas e fariam uma paz de sete anos. Dom Sancho respondeu que não restituía nem um palmo de terra; que não se importava com tais propostas; que Yacub continuasse a guerra e veria de que os Portugueses eram capazes. Vieram novos mensageiros com ameaças de ataque a Santarém se Dom Sancho não aceitasse as propostas. Mas Dom Sancho não fez caso e preparou-se para defender Santarém. Porém do alto das torres as sentinelas não viram chegar as hostes infiéis. Os campos e o rio a perder de vista continuaram desertos até que os cavaleiros portugueses mandados pelo rei em exploração, voltaram com a notícia de que Yacub tinha morrido da peste havia três dias e que todo o exército moiro retirava em debandada, dizimado pela terrível doença e perseguido pelos incansáveis Templários de Tomar que, guiados por Dom Gualdim Pais, lhes não davam tréguas.

Yacub não tinha morrido, mas ia muito doente e era verdade que as tropas moiras se retiravam em grande confusão e em muito mau estado. Assim atravessaram o Tejo e se dirigiram sobre Sevilha, deixando por onde passavam, a terra juncada de mortos. Deste modo terminou a perigosa investida de Yacub; derrota principiada sob as muralhas do castelo de Tomar onde

Gualdim deteve os Moiros e tão pesadas perdas lhes infligiu, e continuada depois por Deus com o flagelo da peste.

Uma outra calamidade porém esperava os Portugueses. Enquanto os Moiros se retiravam de Portugal, sessenta e três naus de Cruzados ingleses tinham fundeado no Tejo. Vinham de caminho para se juntarem em Marselha com os Cruzados de outros países e seguirem daí juntos para a Terra Santa.

A gente desta armada era um bando de brutos selvagens tão indisciplinados e criminosos, que os seus chefes (Roberto de Sabloil e Ricardo de Camwil), se tinham visto obrigados a tomar contra os seus desmandos e bestialidades, medidas muito severas. Como nos contam cronistas daquele tempo e os anais de Hoveden estes chefes estabeleceram terríveis castigos para conterem as feras que comandavam: o assassino era lançado ao mar amarrado ao cadáver da vítima; em terra era enterrado vivo com o morto; aquele que ferisse um camarada, tinha logo a mão decepada; o ladrão era regado com peza a ferver e abandonado na primeira praia que encontrassem.

Por aqui se pode ver que gente era aquela soldadesca..., mais semelhante a hordas de alimárias ferozes do que a seres humanos. Espalharam-se pelas terras de Portugal. Logo de entrada desembarcaram em Lisboa, assaltando, violando, roubando, matando, mil vezes mais cruéis e brutos do que os Moiros que eram fidalgos de alma e incapazes de tais ofensas contra povos amigos. Espalharam-se depois pelos campos; onde chegavam era a devastação, a morte, a vergonha e os

incêndios. Escolhendo os lugares sem defesa ai se encarniçavam na sua bruteza e bestialidade.

Dom Sancho, tendo notícias destes desvarios da parte de gente que acolhera como amigos e que se chamava cristã, juntou as suas tropas com reforços que tinham chegado do Norte do País, e com os cavaleiros das suas Ordens militares, caminhou sobre Lisboa que os Cruzados saqueavam. Porém, cheio de prudência e de juízo, portando-se como cristão e homem civilizado, ainda tentou levar a bem aquela difícil empresa, pedindo aos chefes que metessem a sua gente na ordem, evitando assim uma tão escandalosa batalha entre cristãos. Não conseguiu porém os seus intentos de paz. A cobiça e a ferocidade daquela gente eram tais que os chefes não puderam dominá-los.

Deu-se a batalha. As ruas de Lisboa ficaram juncadas de cadáveres e ensopadas em sangue. Dom Sancho mandou fechar as portas da cidade e assim pôde apri-sionar setecentos, sem contar o grande número destes malfeitores que foram mortos. Feito isto negociou com os chefes dos Cruzados e só lhes entregou os prisioneiros depois de eles restituírem todas as armas e todos os bens que tinham roubado. Os prisioneiros foram logo embarcados e as naus levantaram ferro e sem demora deixaram o porto e fizeram-se ao largo.

Ainda depois destes acontecimentos teve Dom Sancho de se bater contra os Moiros. Muitas vezes ainda se ouviu nos campos de batalha a voz de Gualdim Pais dando a ordem de combate e as dos seus cavaleiros entoando o hino de David antes de se precipitarem *como a tempestade* contra as hordas inimigas.

Seguiram-se alguns anos de paz que Dom Sancho aproveitou para consolidar a posse dos territórios conquistados aos Moiros e para os povoar atraindo e fazendo doações a colorios estrangeiros. Com o auxilio das Ordens militares às quais doou grandes extensões de terreno, conseguiu que os castelos se multiplicassem guarnecendo as fronteiras naqueles ermos de modo a impedir as investidas e surpresas dos Moiros e a reconquista por eles do que os Portugueses tinham ganho à custa de tanto esforço e tão heróicos sacrificios.

MINISTERIO DE ASUNTOS SOCIALES





2226

EDIÇÕES  
**S. N. I.**  
PORTUGAL

BNP



EFG0000798994

S. N. I. 30

*número 3*

59